



SEGURANÇA E FESTAS NA UFSC

Ultimamente, nos corredores da universidade, se tem conversado muito sobre a questão da segurança e festas no campus, porém, pouquíssimo debate foi realizado com a comunidade (universitária e entorno) aprofundando estes dois temas e, conseqüentemente, nenhuma articulação efetiva foi tomada pelo movimento estudantil como um todo.

A nova reitoria de Cancellier/Alacoque vem tomando medidas autoritárias, em conformidade com as *orientações do Ministério Público Federal*¹ para impedir o acontecimento de festas no campus alegando ser uma questão de segurança, tendo em vista os casos de assalto nos últimos happy hours. Obviamente, o número de registros de ocorrências de assaltos dentro do campus diminuiu, o que não significa que em geral (fora do campus) este tipo de violência tenha diminuído, e muito menos significa que o espaço da universidade esteja mais seguro. Portanto, cabe debate para distinguir as diferenciações na relação entre as festas e a segurança na UFSC.

A segurança das pessoas, tanto no campus quanto fora dele, é uma questão que não se resume às festas, e não pode ser limitada por elas como faz a atual reitoria (e como fizeram outras reitorias), que se utiliza das ocorrências de assalto para impor a proibição de qualquer - ou quase qualquer - evento de integração da comunidade universitária dentro da UFSC.

O movimento estudantil há tempos vem batendo na tecla da segurança, falando sobre a iluminação, sobre ocupar coletivamente os espaços da universidade com pessoas, com arte, com cultura, sobre uma guarda universitária preocupada com as pessoas e não apenas com o patrimônio etc. Mas o que as reitorias decidem fazer como medida de "segurança"? Colocar cancelas para carros nas entradas, instalar delegacia da mulher (que traz uma extensa discussão sobre seu papel) e proibir festas! O esvaziamento que temos visto no campus no período da noite por causa desta proibição não nos dá nenhuma sensação de segurança, muito pelo contrário, voltamos correndo para casa após nossas aulas. E aquelas/aqueles que não dispõem o lazer estão ocupando as praças e bares, tendo que, inevitavelmente, andar pela cidade e correr os mesmos riscos de qualquer centro urbano de uma sociedade desigual. Além disso a reitoria com sua Secretaria de ações afirmativas (SAAD) ignora o fato de que o

¹ O MPF em junho de 2014 impôs o cancelamento de duas festas que ocorreriam no campus alegando violação das normas de decibéis. Em Novembro de 2015 o MPF "recomendou" que a reitoria regularizasse a venda de bebidas e alimentos na UFSC e proibisse a entrada de ambulantes. Já em agosto deste ano o mesmo MPF baixou uma orientação pedindo mais controle e rondas policiais nas festas.

acesso da polícia ao campus só serviu para aumentar e militarizar racismo institucional contra os estudantes e comunidade negra dentro do campus.

A proibição das festas, junto às demais medidas, não faz do campus um lugar mais seguro, não impede os assaltos e roubos (só os transfere, em parte, de local), prejudica a integração e lazer da comunidade universitária e retira um dos principais meios de financiamento do movimento estudantil. Por isso, precisamos estar ativos e auto-organizados em nossas bases, construir comitês de autodefesa junto aos setores oprimidos e reocupar um espaço que é nosso, não deixando questões tão caras na mão das autoridades “competentes” que só operam em uma lógica: proibição e repressão.

**PELO RETORNO DAS FESTAS NA UFSC!
POR MAIS ILUMINAÇÃO E ÁREAS DE CONVÍVIO!
CONSTRUIR COMITÊS DE AUTODEFESA!
FORA POLÍCIA DO CAMPUS!**

Universidade, para quem? **A questão de mães e pais na universidade**

Tivemos no ano de 2016 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) um grande número de estudantes ingressantes com baixas condições financeiras. A política de cinquenta por cento das vagas para ações afirmativas, somadas aos estudantes que ingressaram pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) renovou o perfil de calouros e calouras na universidade. Mas, ainda que pareça que as universidades tenham começado a se “democratizar”, na realidade o funcionamento é outro. Utilizaremos as dificuldades dos estudantes pais e mães dentro da instituição, um desses novos perfis ingressantes na universidade, com a intenção de ilustrar as sutilezas administrativas usadas como ferramentas para a manutenção de que uma formação de qualidade no Brasil ainda seja um privilégio das classes média e alta.

❖ **Moradia**

Diferente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde existe uma moradia estudantil somente para mães e pais, a UFSC oferece uma moradia com **somente 167 vagas**, em um universo de mais de 30.000



estudantes em todos os campi, onde é terminantemente proibido a estadia de estudantes com filhos. Se uma estudante ficar grávida enquanto reside na moradia, ela

perde o seu direito ao auxílio, justamente em um momento de maior dificuldade material e emocional. Além disso, a questão do pouco número de vagas na moradia está diretamente vinculada a forte especulação imobiliária no entorno da UFSC. A alta demanda de estudantes atrás de moradia faz com que os proprietários (vários deles professores e servidores da UFSC) e imobiliárias cobrem preços astronômicos no aluguel dos imóveis, que na maioria das vezes não refletem em estrutura o preço cobrado, que geralmente não passam de kitnets minúsculas empilhadas. No caso específico das mães e pais a situação é ainda mais agravante, já que diversos locais não aceitam a presença de crianças.

❖ Alimentação

Além do problema de moradia, a alimentação também se apresenta como outro desafio a ser superado pelos estudantes mães e pais. Recentemente foi posto em prática uma portaria aprovada pela gestão Roselane em 2015, onde crianças abaixo de sete anos poderão se alimentar no RU somente mediante a um cadastro semestral feito pelo responsável, comprovando o seu vínculo institucional. Crianças maiores que essa idade deverão, nas palavras do documento, comprovar mediante a justificativa de especialistas, formal e documentada, a necessidade de acompanhamento de outrem para alimentar-se. Mesmo conseguindo passar por essa barreira burocrática a estudante mãe terá que enfrentar uma fila quilométrica, *falta de comida*² devido aos funcionários estarem sobrecarregados e máquinas de suco há meses só com água.



❖ Educação

Fora essas questões básicas pertinentes a sobrevivência individual, entramos nas questões diretamente envolvidas no processo de educação na universidade, são medidas que isoladamente não parecem grande problema, mas se somadas e pensadas a partir de estudantes pais e mães em situação de vulnerabilidade econômica, representam empecilhos bastante concretos na obtenção da sua formação superior.

A falta de vagas pré-destinadas aos filhos de estudantes no NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil) afeta diretamente na possibilidade de uma formação de qualidade dos seus pais, que acabam por dividir ao mesmo tempo suas energias no

² Em diversas vezes neste semestre houve falta de arroz sendo substituído por farinha, além do já tradicional atraso no abastecimento dos recipientes de comida.

cuidado dos filhos e nos estudos. Se formos pensar que mesmo hoje onde as discussões sobre os reflexos da cultura patriarcal são mais comuns, ainda assim a responsabilidade pelo cuidado dos filhos ainda é centralizada na figura da mãe, se tornando além de uma questão econômica, também uma questão de gênero.

As bolsas auxílio creche destinadas a estudantes mães e pais em condições de vulnerabilidade sócio-econômica, além de insuficientes tendo em vista o alto custo de vida e conseqüentemente das instituições de ensino em Florianópolis, sofreram um corte de cinquenta por cento ainda na transição da gestão Roselane 2015/2016. Antes, quarenta bolsas eram oferecidas semestralmente, agora somente vinte são ofertadas com a justificativa da falta de demanda, justamente no ano onde se firmou a quantia de cinquenta por cento de vagas para ações afirmativas e o ingresso via SISU, e portanto um aumento do número de estudantes em condições de vulnerabilidade sócio-econômica.



Existe uma parceria público-privado (PPP) entre a UFSC e a creche Flor do Campus, onde a universidade cede o espaço físico para a estrutura da creche e em troca os filhos de estudantes poderiam ser matriculados pelo valor do auxílio, dependendo da disponibilidade de vagas por parte da creche Flor do Campus, ou seja, não há garantias! Há relatos de uma série de assédios por parte da administração e do corpo docente do Flor do Campus, por conta da condição de "bolsistas" dos estudantes e seus filhos. É inaceitável a utilização de um espaço público em benefício de instituições de ensino privadas, que por sua vez cometem abusos com os estudantes em condições de vulnerabilidade sócio-econômica. Somado a essa situação há um processo de reintegração de posse das áreas que contém a creche do HU e a Flor do Campus até o final do ano por parte da gestão Cancellier. Portanto a situação de descaso com a permanência de estudantes mães e pais em condições de vulnerabilidade tende a se agravar, uma vez que medidas compensatórias não vem sendo sequer discutidas pela reitoria.

Uma vez sujeitados a condições precárias de suporte por parte da universidade, estudantes pais e mães são barrados/assediados por professores quando levam seus filhos para a sala de aula, tem seu acesso a biblioteca universitária impedido e não tem a mínima estrutura como banheiros com fraldários para o cuidado dos seus filhos. A universidade é claramente feita tendo em mente um perfil de estudante, branco, não-pobre, jovem, sem filhos, e todos aqueles que são desviantes desse padrão são desafiados diariamente a resistir em busca da conclusão de sua formação intelectual e profissional.

Basta da política de diálogo com reitorias e mediações institucionais a serviço de palanque político das organizações! A reitoria vem sorrateiramente

prometendo segurança às mulheres com a implementação de uma delegacia da mulher, porém não é disso que as mulheres trabalhadoras e mães precisam para permanecer na universidade! É preciso nos organizarmos e lutar pela **ampliação da Moradia Estudantil com estadia para mães e pais**, pela **criação de creches públicas** que atendam as demandas, por **fraldários em todos os centros**, pelo **livre acesso de filhos e filhas de estudantes ao RU!**

Os estudantes da UFRGS, recentemente barrando a rediscussão e retrocesso da política de ações afirmativas, os secundaristas em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Goiás, resistindo às políticas de fechamento de escolas e privatização do ensino público, e a história do movimento estudantil em geral nos mostra que não há diálogo possível com os de cima, e que só a organização independente e a ação direta geram avanços.

**POR FRALDÁRIOS EM TODOS OS CENTROS!
AMPLIAÇÃO DO R.U E MORADIA ESTUDANTIL JÁ!
CRIAÇÃO DE CRECHES PÚBLICAS JÁ!**

As Mobilizações “Fora Temer” e a retomada social-democrata: Caminhos e descaminhos para a luta autônoma e combativa

As jornadas de junho de 2013 e o movimento secundarista que ocupou diversas escolas pelo país significaram uma ruptura prática com décadas de monopólio *social-democrata*³ sob o destino da luta dos trabalhadores e estudantes no Brasil. Além desses movimentos que ganharam destaque midiático tivemos várias greves em que as bases se rebelaram contra suas direções sindicais (majoritariamente dirigidas por partidos eleitorais), entre elas obtiveram maior visibilidade a dos professores do estado do Rio de Janeiro, a dos Garis cariocas e até mesmo a dos operários de Jirau que ocorreu anteriormente ao ‘boom’ de 2013, já anunciando o declínio do monopólio da tutela social-democrata. Pode-se afirmar que pela primeira vez no Brasil, após o movimento operário do início do século XX, temos movimentos (massificados e generalizados pelo país) não subordinados a um projeto político eleitoral, burocracias partidárias, sindicais e estudantis.

Apesar da grande ascensão das lutas autônomas, não houve a conversão dessas lutas em forças organizadas e permanentes, a ausência de pólos aglutinadores

³ Partidos ditos de esquerda comprometidos com a democracia burguesa e que fazem a cisão entre luta política e econômica.

dessas forças autônomas impossibilitou o enraizamento orgânico nos locais de estudo, trabalho e moradia. Não conseguindo transformar as forças autônomas dispersas *em trabalho concreto com ações localizadas e com organização permanente*, abriu-se espaço para retomada do protagonismo por parte da socialdemocracia e ela não perdeu a oportunidade. A partir de consumado o impeachment de Dilma Rouseuff, a socialdemocracia passou a adotar a tática de ligar ideologicamente a trapaça política que foi o processo de impeachment ao golpe civil-militar sofrido por Jango em 64, o intuito dessa comparação bizarra foi o de utilizar a repulsa popular por esse episódio sombrio de nossa história para impulsionar uma luta em defesa da democracia ou como falavam alguns: pelas diretas já!

Apesar de ser uma tática descaradamente oportunista foi vitoriosa cumprindo o papel de gerar desorientação e suscitar um espírito de democracia (da mesma forma que o movimento contra a corrupção), e ignorando que o mais próximo que chegamos ao estado de exceção foi no próprio governo Dilma com favelas ocupadas por tanques, lei antiterror e violação do

direito de manifestação durante a Copa. O fato é que mesmo sendo uma tática frágil, vários setores avançados acabaram embarcando nessa distração e passaram a se ater ao conteúdo jurídico (processo de impeachment legal ou ilegal) ao invés de se aterem em analisar exclusivamente ao conteúdo político-econômico (quais os partidos em disputa? que frações da burguesia eles representam? que interesses essas frações tem em jogo?). O conceito de golpe terminou sendo assimilado por boa parte setores avançados, mesmo anexado ao um adjetivo qualquer (golpe institucional, político, etc.) reforçou a ligação ideológica com o golpe civil-militar difundida pela socialdemocracia e como consequência a propagação de um espírito de defesa democrática pelo qual só os sociais democratas e a ordem burguesa possuem interesse.

A materialização desse espírito de defesa democrático se deu na forma das manifestações “Fora Temer” e “paralisações” que ocorreram pelo país nas quais, desde o início, as reivindicações são puramente politicistas, centradas na velha *dicotomia*⁴ Oposição x Situação, tendo como centralidade o governo (derruba-lo, conquistá-lo e mantê-lo) e com isso acabaram por secundarizar até mesmo a defesa contra a continuidade dos ataques aos direitos, agora encabeçados por Temer.



⁴ Divisão de um elemento em duas partes, geralmente contrárias (ex. bem e mal).

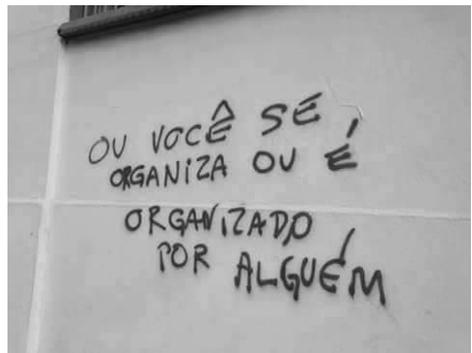
Devido essa centralidade politicista na democracia burguesa, participar das manifestações e “paralisações” significava reforçar a necessidade de defesa democrática e mesmo os que participavam na tentativa de disputá-las acabavam por serem absolvidos pelo espírito de defesa da democracia burguesa. Porém hoje com a conversão das ameaças do governo Temer em ações efetivas, acreditamos que se abre a necessidade e a possibilidade de enfrentamento ao monopólio social democrata dos partidos eleitoreiros. *Pois agora com os ataques à previdência social; jornada de trabalho; congelamento dos gastos públicos; ensino médio e com o novo leilão petroquímico em destaque nas mídias sociais, mesmo que de forma oportunista estas pautas ganharam mais visibilidade nas mobilizações e dentro delas surge a possibilidade da disputa ideológica já que todos esses ataques foram iniciados e anunciados no próprio governo deposto*, expondo assim a contradição do discurso social-democrata que por meio de seu discurso politicista tenta difundir que o problema está na composição de governo ou do congresso. O propósito dos setores mais avançados deve ser o inverso, mostrando que o problema é a própria democracia e que a solução não está nem num governo de esquerda ou em se ter um congresso menos conservador, mas sim na luta classista, autônoma e combativa.

Para não deixarmos o bonde passar e a esquerda reformistas tomar a direção novamente devemos nos ater a 3 tarefas cíclicas que são básicas e essenciais:

- **Propaganda:** Promover o combate ideológico (através de cartazes, jornais, mídias sociais, panfletagens, pichações etc.) sempre ligando as reformas de Temer como continuidade das iniciadas pelo governo Dilma e também publicizando as tradicionais traições (criminalização, manobras em assembleias, delações etc.) dos partidos durante o processo de luta.

- **Agitação:** criar gritos/palavras de ordem próprias, compor canções de rua, criar uma identidade estética dentro das mobilizações (faixas, bandeiras, sinalizadores, bateria etc.), garantir intervenções nos carros de som (ou obter um megafone próprio). Sempre se diferenciando do setor reformista e ligando os ataques do governo Temer como continuidade dos governo PT/PMDB.

- **Organização:** É preciso ter o entendimento que somente a atividades de rua ou paralisações são insuficientes para a manutenção da luta e por isso o trabalho de base é fundamental em nossos locais de estudo, trabalho ou moradia. Para além da atuação em nossas lutas específicas de cada localidade, se faz necessário a auto instituição de pólos aglutinadores locais que agreguem indivíduos e coletivos comprometidos com a autonomia da luta.



comprometidos com a autonomia da luta. Outra tarefa mais complexa é tentar fazer uma articulação a nível nacional entre esses setores, que pode ser feito de forma específica (somente ao âmbito universitário) promovendo uma atividade paralela a um

encontro de curso ou em um de casas de estudantes, por exemplo. Porém, é preciso de articulações de forma mais ampla (entre movimentos estudantil, sindical e popular) e para isso vemos construção de encontros como o *ENOPES*⁵ (Encontro Nacional de Oposições Populares, Estudantis e Sindicais) como fundamentais para trocas de experiências e para uma articulação para além das fronteiras territoriais e das divisões corporativistas.

Ainda que a social democracia iniciado o processo de retomada da sua tutela sob as lutas, até o presente momento o legado da luta autônoma e anti reformista deixado pelas jornadas de junho persiste vivo subjetivamente expressado no boicote massivo as eleições municipais e materialmente através da luta autônoma dos secundaristas que nesse momento voltam a ocupar centenas de escolas contra a reforma do ensino médio. O dever de casa agora é transformar experiências de lutas dispersas e efêmeras em ação política coordenada e permanente.

**SUPERAR A SOCIAL-DEMOCRACIA E CONSTRUIR A LUTA AUTÔNOMA
E COMBATIVA!
OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!**



CONTATO

EMAIL: npn.desterro@bol.com.br

BLOG: npnderro.wordpress.com

RECOMENDAMOS: LUTAF0B.W0RDPRESS.COM

⁵ Encontro impulsionado pelo Fórum de Oposições pela Base (FOB), realizado em 2013 e que aglutinou diversos setores autônomos ativos nas jornadas de Junho.